

**PARA ALÉM DOS  
SIMULACROS, OUTROS  
SIMULACROS, A  
VERTIGEM E O  
ASSOMBRO COM AS  
ETERNAS *FICCIONES* DE  
UM *EU* EXPANDIDO NA  
URDIDURA DO TEMPO**

LEONARDO OLIVEIRA MOREIRA <sup>1</sup>

*Agradecimentos ao professor Márcio Suzuki, pela gentil leitura deste.*

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia (FFLCH-USP). (E-mail: leom.philosophie@gmail.com).

*El estilo del deseo es la eternidad.*

J. L. Borges

**S**em dúvida, foi e é assombroso o anúncio da irreabilidade do real aparente, do carácter fantasmagórico do contingencial que apenas participa de uma realidade extraterrena, ideal e imutável. Tal anúncio pode ser –como diria Borges– um dos inícios de certa literatura fantástica em Filosofia (a *metafísica*). Todavia, mais assombroso ainda parece ser o anúncio de que por trás de uma irreabilidade há uma outra irreabilidade e assim por diante: os fantasmas não são testemunhas de uma perfeição, de uma verdade, são fantasmas de fantasmas. A vertigem decorre, assim, de uma inaptidão do *eu*, da brusca e dolorosa impossibilidade de abarcar a verdade em um conhecimento total, como também de uma concepção labiríntica do tempo (“el abismal problema del tiempo” <sup>2</sup>) que se bifurca infinitamente tal como em “El jardín de senderos que se bifurcan”.

“Bajo el notorio influjo” de Hume (e de outros autores como Mauthner e Vaihinger), J. L. Borges, assombrado com a ausência de um *eu* indivisível ou singular <sup>3</sup>, parece entrever “otras facetas del enigma” –que dizem respeito ao ontológico e ao tempo–, as quais “son de carácter cíclico” e “parecen repetir o combinar hechos de remotas regiones, de remotas edades” <sup>4</sup>. Eu mesmo, nesse momento, poderia sentir a ridícula e vertiginosa sensação de ser outro ou outros em outros tempos, talvez nomes célebres ou completamente anônimos, pois “al destino le agradan las repeticiones, las variantes, las simetrias” <sup>5</sup>: “el hombre (...) es reflejo y vanidad” <sup>6</sup>.

Por eso el problema del tiempo nos toca más que los otros problemas metafísicos. Porque los otros son abstractos. El del tiempo es nuestro problema. ¿Quién soy yo? ¿Quién es cada uno de nosotros? ¿Quiénes somos? <sup>7</sup>

---

<sup>2</sup> BORGES. “El jardín de senderos que se bifurcan”. In *Obras Completas (1923-1949)*, t. 1. Barcelona: Emecé Editores, 1989, p.479.

<sup>3</sup> Segundo Borges, Hume “negó el espíritu” e não quis que “agregáramos a la sucesión de estados mentales la noción metafísica de un yo”. (BORGES. “Nueva refutación del tiempo”. In *Obras Completas (1952-1972)*, t. 2. Barcelona: Emecé Editores, 1989, pp.145-146).

<sup>4</sup> Idem. “Tema del traidor y del héroe”. In *Obras Completas*, t. 1, p.496.

<sup>5</sup> BORGES. “La Trama”. In *Obras Completas*, t. 2, p.171.

<sup>6</sup> Idem. “Los Espejos”, p.193.

<sup>7</sup> Idem. “El Tiempo”. In *Obras Completas (1975-1988)*, t. 4. Barcelona: Emecé Editores, 1996, p.205.

No mundo das *Ficciones*, dos espelhos, dos labirintos de espelhos e de labirintos de mármore onde os tempos se entrecruzam, certo é que os simulacros *são*, povoam o universo no qual os tempos confluem paralelamente e de maneira, digamos, vertiginosamente corriqueira, pois, para Borges, mesmo o acaso não é acaso, porque não existem *propósitos* no mundo. Nessa via de compreensão, não poderíamos estar de acordo com alguns comentários em “Borges y la tension del simulacro”, quando este nos leva a crer que Borges “nos lleva a imaginar por detrás de la superficie falaz que nos presenta, una **realidad** posterior, ‘verdaderamente’ **real**, sin velos, no mediada, originaria y genuína” e que “ambos polos están en permanente tensión en el simulacro”<sup>8</sup>. Verdadeiramente real? Difícil de crer! Quanto à tensão do simulacro, não parece que Borges (ao passear pelas tardes com Heráclito) tivesse interesse qualquer em inferir uma tensão binária entre a *verdade* e o *erro*. A vertigem extravasa por todos os poros...

Tal como (em “Los Espejos”) “Claudio, rey de una tarde, rey soñado, no sentió que era un sueño hasta aquel día”<sup>9</sup>, também “El forastero” (de “Las ruinas circulares”), na empresa de “soñar un hombre (...) con integridad minuciosa e imponerlo a la realidad”<sup>10</sup>, não se sabia ele mesmo um sonho, um simulacro, um fantasma. O forasteiro “camino contra los jirones de fuego. Éstos no mordieron su carne, éstos lo acariciaron y lo inundaron sin calor y sin combustión. Con alivio, con humillación, con terror, comprendió que él también era una apariencia, que otro estaba soñándolo”<sup>11</sup>. Por trás da aparência, uma outra: se há verdade, há enquanto simulacro de simulacro, ou seja, como um vaso quebrado, despedaçado e jogado, à moda de Heráclito, ao *Fogo*. Parece-me que, em vez de ser (de encenar) Parmênides, Borges encenaria, em suas *Ficciones*, Heráclito. Em “El Tiempo”, Borges escreve:

Y parece que eso es necesario al tiempo. En nuestra experiencia, el tiempo corresponde siempre al río de Heráclito (...) Somos siempre Heráclito viéndose reflejado en el río, y pensando que el río no es el río porque há cambiado las aguas, y pensando que él no es Heráclito porque él ha sido otras personas entre la última vez que vio el río y ésta.<sup>12</sup>

---

<sup>8</sup> URRESTI, Marcelo. “Borges y la tension del simulacro”. In KAMINSKY, Gregorio (comp.) *Borges y la filosofía*. Buenos Aires: UBA, 1994, p.80.

<sup>9</sup> BORGES. “Los Espejos”, In *Obras Completas*, t.2, p.193.

<sup>10</sup> Idem. “Las ruinas circulares”. In *Obras Completas*, t.1, p.451.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p.455.

<sup>12</sup> BORGES. “El Tiempo”. In *Obras Completas*, t.4, p.205.

Não há vestígios de uma Ideia ou de uma verdade subjacente em Borges. Este pensa que suas jornadas e suas “noches se igualan en pobreza y en riqueza a las de Dios y a las de todos los hombres”<sup>13</sup>. Por momentos, Borges é também Deus e Deus é também Borges, a divindade e a humanidade, ambas *Ficciones*, pequenas verdades referenciais sem fundo de verdade. Borges, enquanto Deus, enquanto humanidade escreve: “Dios ha creado las noches que se arman / De sueños y las formas del espejo / Para que el hombre sienta que es reflejo y vanidad”<sup>14</sup>. Para que se compreenda uma tensão entre o simulacro e um fundo de verdade, seria necessário encarcerar as séries desbaratadas de tempo inferidas ou *re-inferidas* por Borges.

¿Por qué imaginar una sola serie de tiempo? Yo no sé si la imaginación de ustedes acepta esa idea (...) de que hay muchos tiempos y que esas series de tiempo (...) no son ni anteriores, ni posteriores, ni contemporâneas. Son series distintas.<sup>15</sup>

No desbaratamento de séries de tempo poderíamos entrever algo de mediato e originário que tencione com o simulacro em Borges, no entanto, se há, há enquanto reflexo, na medida em que tal verdade não se sobrepõe senão por uma ínfima memória que o infira em uma determinada série de tempo. O problema do tempo, junto ao problema ontológico, fraqueja de uma pequena memória à outra. “Nuestra consciencia está continuamente pasando de un estado a otro, y ése es el tiempo: la sucesión”<sup>16</sup>, e “certo es que la sucesión es una intorelable miseria”<sup>17</sup>. A ideia é, portanto, “que cada uno de nosotros vive una serie de hechos”<sup>18</sup>.

Essa ideia aterrorizante sobre o tempo revisa importantes teorias, como, por exemplo, as de Platão, de Plotino e Agostinho (sempre as relacionando com autores contemporâneos, como Russel e Whitehead, por exemplo). Aqueles compõem, com efeito, parte do labirinto borgeano sobre o tempo. Segundo Borges, o tempo seria para Platão a “imagen móvil de la eternidad. Él empieza por eternidad, por un ser eterno, y ese ser eterno quer proyectarse en otros seres”<sup>19</sup>, enquanto para Plotino existem três tempos, e os três são o presente (“Uno es el presente actual”<sup>20</sup>). Quanto a Agostinho, “en una sentencia mui

---

<sup>13</sup> Idem. “Mi vida entera”, In *Obras Completas*, t.1, p.70.

<sup>14</sup> Idem. “Los Espejos”, In *Obras Completas*, t. 2, p.193.

<sup>15</sup> Idem. “El Tiempo”, pp.203-204.

<sup>16</sup> Idem, *Ibidem*, p.199.

<sup>17</sup> Idem. “Historia de la eternidad”, In *Obras Completas*, t.1, p.364.

<sup>18</sup> Idem. “El Tiempo”, p.204.

<sup>19</sup> BORGES. “El Tiempo”. In *Obras Completas*, t.4, p.200.

<sup>20</sup> Idem, *Ibidem*, p.200.

linda” crê que “el mundo empezó a ser com el tiempo”<sup>21</sup>. Se Borges tivesse eleito apenas a solução platônica, poderíamos dar razão ao artigo acima citado. Mas, do contrário, Borges conflui, pervertendo e invertendo, as três teorias (entre outras), abrindo, por sua vez, mais uma via problemática. Esta via, “es la que se refiere a una de las más hermosas invenciones del hombre (...) Ustedes quizá pueden pensar de otro modo si son religiosos. Yo digo: esa hermosa invención de la eternidad”<sup>22</sup>. Segue-se

Ahora (...) al tema de la eternidad, a la idea de lo eterno que quiere manifestarse de algún modo, que se manifiesta en el espacio y en el tiempo. Lo eterno es el mundo de los arquetipos. En lo eterno, por ejemplo, no hay triángulo. Hay un solo triángulo, que no es ni equilátero, ni isósceles, ni escaleno. Ese triángulo es las tres cosas a la vez y ninguna de ellas (...) También se nos plantea el problema de si cada hombre tuviera su arquetipo platónico. Luego ese absoluto quiere manifestarse, y se manifiesta en el tiempo. El tiempo es la imagen de la eternidad.<sup>23</sup>

Para Borges, como “en aquel pasaje de las *Enéadas* que quiere interrogar y definir la naturaleza del tiempo (...) es indispensable conocer previamente la eternidad”<sup>24</sup>. Ao visitar Platão, Borges reconhece-o como um dos primeiros a pensar e postular a eternidade (como modelo e arquétipo do tempo), mas Platão já teria efetuado uma espécie de soma sobre o assunto tratado por seus antecessores<sup>25</sup>. “Una prolija discusión del sistema platónico [como dos sistemas de Plotino e Agostinho] es imposible aquí”<sup>26</sup>, podemos, entretanto, pontuar alguns caracteres de aproximação e de distanciamento entre as teorias. O mundo dos arquétipos platônicos ecoa no universo de Plotino: “El universo ideal a que nos convida Plotino es menos estudioso de variedad que de plenitud; es un repertorio selecto (...) Es el inmóvil y terrible museo de los arquetipos platónicos”<sup>27</sup> onde *todo es la copia* que participa em tal ou tal medida de uma Realidade, de uma Ideia.

---

<sup>21</sup> Idem, *Ibidem*, p.202.

<sup>22</sup> Idem, *Ibidem*, p.199.

<sup>23</sup> Idem, *Ibidem*, p.204.

<sup>24</sup> Idem. “Historia de la eternidad”, In *Obras Completas*, t.1, p.353.

<sup>25</sup> “Todas las concepciones griegas convergen en sus libros, ya rechazadas, ya exornadas tragicamente”. (BORGES. “Historia de la eternidad”, p.354).

<sup>26</sup> Idem, *Ibidem*, p.355.

<sup>27</sup> BORGES. “Historia de la eternidad”, In *Obras Completas*, t.1, p.355.

Borges ressalta, em sua “Historia de la Eternidad”, que existem alguns sofismas e ilustrações que “de buena voluntad pueden exhortarnos a tolerar la tesis platónica”<sup>28</sup>. Uma dessas razões lhe seria deixada por Schopenhauer ao estabelecer aos animais uma atualidade corpórea pura, como no exemplo da *leonidade*<sup>29</sup>. Borges não nega totalmente as teorias por ele revisitadas, em alguns casos as aceita parcialmente, como, por exemplo, com a teoria platônica, a ideia de *Mesidade*<sup>30</sup>. No entanto, o mesmo não ocorre com outras noções ou conceitos, dos quais Borges toma ciente distância.

Borges enumera alguns argumentos que se opõem ao mundo platônico dos arquétipos: i) “la incompatible agregación de voces genéricas y de voces abstractas que cohabitan *sans gêne* en la dotación del mundo arquetipo”; ii) “el procedimiento que usan las cosas para participar de las formas universales; iii) “la conjetura de que esos mismos arquetipos asépticos adolecen de mezcla y de variedad”<sup>31</sup>. O Ser Platônico não faz parte do mundo da geração e corrupção, está no mundo das Ideias, é o Mesmo, contém ou origina o tempo, mas não é o próprio tempo, nem mesmo a Eternidade. O ser para Borges é a própria confluência dos tempos, é a Eternidade, não enquanto Mesmo, mas enquanto algo mais próximo de uma Diferença originária que imbrica mundos de sonhos. O rio de Heráclito é sempre outro, nunca o mesmo...

Se, em Platão, a matéria, o contingente, *não é*, tal concepção ecoa também em “las *Enéadas*” onde “leemos que la materia es irreal”, sendo apenas “una mera y hueca pasividad que recibe las formas universales como las recibiría un espejo”<sup>32</sup>. Para Borges, do contrário, “la última y firme realidad de las cosas es la materia”<sup>33</sup>, não esse museu “quieto, monstruoso y clasificado” dos arquétipos. Certo é que a Eternidade borgeana antecede o tempo, mas “a diferencia de las eternidades platónicas, cuyo riesgo mayor es la insipidez”<sup>34</sup>, essa eternidade

Es todos nuestros ayeres, todos los ayeres de todos los seres conscientes. Todo el pasado, ese pasado que no se sabe cuándo empezó. Y luego, todo el presente. Este momento que abarca

---

<sup>28</sup> Idem, *Ibidem*, p.356.

<sup>29</sup> Borges cita Schopenhauer: “*Destino y vida de leones quiere la leonidad que, considerada en el tiempo, es un león inmortal que se mantiene mediante la infinita reposición de los individuos*” (Idem, *Ibidem*, p.357).

<sup>30</sup> “No puedo negarla del todo: sin una mesa ideal, no hubiéramos llegado a mesas concretas”. (Idem, *Ibidem*, p.357).

<sup>31</sup> Idem, *Ibidem*, pp.357-358.

<sup>32</sup> Idem, *Ibidem*, p.356.

<sup>33</sup> Idem, *Ibidem*, p.356.

<sup>34</sup> BORGES. “Historia de la eternidad”, In *Obras Completas*, t.1, p.363.

todas las ciudades, todos los mundos, el espacio entre los planetas. Y luego, el porvenir (...) que no ha sido creado aún, pero que también existe.<sup>35</sup>

A Eternidade, em Borges, subtrai-se da abstração monótona da Ideia, para ele a Eternidade “es una eternidade ya sin Dios, y aun sin outro poseedor y sin arquetipos”<sup>36</sup>. Longe de ser uma verdade verdadeiramente real e originária “la eternidade es una más copiosa invención”<sup>37</sup>, “cuya despedazada copia es el tiempo”<sup>38</sup>. Poder-se-ia questionar se essa matéria em que Borges acredita não seria ela mesma a verdadeira realidade ou substrato originário. Talvez Borges apreenda essa matéria como Berkeley, que “creyó en el mundo aparential que urden los sentidos, pero entendió que el mundo material (...) es una duplicación ilusoria”<sup>39</sup>. Simulacros de simulacros, um tempo pessoal que aglutina percepções em uma determinada memória ou consciência, e esse rio aparente que flui é, aqui, Borges:

Negar la sucesión temporal, negar el yo, negar el universo astronómico, son desesperaciones aparentes y consuelos secretos. Nuestro destino (...) no es espantoso por irreal; es espantoso porque es irreversible y de hierro. El tiempo es un rio que me arrebata, pero yo soy el río; es un tigre que me destroza, pero yo soy el tigre; es un fuego que me consume, pero yo soy el fuego. El mundo, desgraciadamente, es real; yo, desgraciadamente soy Borges.<sup>40</sup>

Assim, conclui-se este ensaio, pontuando mais uma vez que as tensões se dão de simulacros para simulacros. E, se Borges não nega um “yo”, ele, no mínimo, o expande a uma enorme coleção relacional, concordando com Hume “em el tercero y último de los *Dialogues*”, quando diz:

Somos una colección o conjunto de percepciones, que se suceden unas a otras con inconcedible rapidez... La mente es una especie de teatro, donde las percepciones aparecen, desaparecen, vuelven y se combinan de infinitas maneras. (...) Las percepciones constituyen la mente y no podemos

---

<sup>35</sup> Idem. “El Tiempo”. In *Obras Completas*, t.4, pp.199-200.

<sup>36</sup> Idem. “Historia de la eternidad”, In *Obras Completas*, t.1, p.365.

<sup>37</sup> Idem, *Ibidem*, p.365.

<sup>38</sup> Idem, *Ibidem*, p.357.

<sup>39</sup> Idem. “Nueva refutación del tiempo”. In *Obras Completas*, t. 2, p.144.

<sup>40</sup> Idem, *Ibidem*, p.149.

vislumbrar en qué sitio ocurren las escenas ni de qué materiales está echo el teatro.<sup>41</sup>

A matéria borgeana parece ser o tempo que foge e escapa irreversivelmente marcando uma estranha coincidência em outras séries de tempo! Por fim, com Borges (em “There are more things”), “disse a mim mesmo repetidas vezes que não existe outro enigma senão o tempo, essa infinita urdidura do ontem, do hoje, do futuro, do sempre e do nunca”<sup>42</sup>.

### Referências Bibliográficas:

BORGES, Jorge Luiz. *Obras Completas (1923-1949)*, t. 1. Barcelona: Emecé Editores, 1989;

\_\_\_\_\_. *Obras Completas (1952-1972)*, t. 2. Barcelona: Emecé Editores, 1989;

\_\_\_\_\_. *Obras Completas (1975-1988)*, t. 4. Barcelona: Emecé Editores, 1996;

\_\_\_\_\_. *O Livro de areia*. Tr.br. D. Arrigucci. São Paulo: Folha, 2012;

URRESTI, Marcelo. “Borges y la tension del simulacro”. In KAMINSKY, Gregorio (comp.). *Borges y la filosofía*. Buenos Aires: UBA, 1994.

---

<sup>41</sup> BORGES. “Nueva refutación del tiempo”, In *Obras Completas*, t. 2, p.146.

<sup>42</sup> Idem. “There are more things”. In *O Livro de areia*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2012, p.43.